

“JACQUES LACAN E A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DOS ANALISTAS”*

Carla Beatriz de Souza**

Moustapha Safouan é membro da Escola Freudiana de Paris e reconhecido no meio analítico internacional através de vários livros e outros trabalhos psicanalíticos de grande importância científica, sobretudo para os que transitam na área. Neste livro, ao focar o tema da formação analítica, sai hesitante de uma tarefa ousada por apenas alguns: tratar de forma simples, mas profunda, de algumas das idéias propostas por Lacan.

Na primeira parte deste livro, é traçado um perfil histórico do que tem sido a formação analítica nos Institutos Oficiais de Psicanálise desde Freud. A institucionalização dogmática e hierarquizada imposta aos que desejam fundamenta-se na vertente psicanalítica é vista como oponente aos próprios princípios desta teoria, embora a acompanha praticamente desde o seu início. O autor descreve o funcionamento dos Institutos e Sociedades, exemplificando o processo estático de normatização a que estão sujeitas os analistas em formação. Faz uma análise crítica apontando falhas do sistema de denunciando a estrutura de poder e elitização dessas instituições

Podemos nos referenciar com a situação ocorrente no Brasil, país cujas principais escolas formadoras de analistas são ligadas à **International Psyche-analytical Association**, e que se destaca por estender atualmente o menor índice de analistas

(*) SOFQUAN, Moustapha, **Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas**. Traduzido do original francês por Leda Mariza Vieira Fischer. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, 71 p.

(**) Mestranda — Instituto de Psicologia — PUCCAMP.

didatas da América Latina. Considerando-se que a formação de novos analistas depende de passagem anterior pelos analistas didatas, podemos visualizar a fila de pretendentes que se forma para cada um deles. Esse é apenas um exemplo característico do modelo fechado dessas instituições, onde a relação poder/saber adquire dimensões inimagináveis. Esses aspectos são denunciados por Safouan e exigem do leitor, especialmente dos que detêm o poder nessas instituições, uma séria reflexão e a tomada de um novo direcionamento na ação formadora de psicanalistas.

O leitor poderá encerrar esta primeira parte um tanto desalentado perante certas incongruências, mas se reanimará com a leitura da segunda parte. Nesta, o autor mostra o posicionamento de Lacan que, retomando Freud, esclarece que a questão da formação analítica não deve obedecer senão aos critérios internos de cada indivíduo interessado em seguir esta orientação. São discutidas, neste momento, as duas preposições básicas feitas por Lacan a respeito desta questão: o desejo de se tornar analista e a quem cabe a determinação de momento em que isto se dará.

É importante, contudo, que não entendamos isto como um claro sinal de que tais proposições sejam um caminho certo para mudanças profundas. A questão de formação analítica faz parte de uma estrutura institucional bastante solidificada e um recomeço totalmente despojado dessas posições é coisa um pouco distante do possível, na atual conjuntura. Afinal, o próprio Lacan esteve às voltas com tais dificuldades em sua própria Escola, como bem é apresentado na obra aqui considerada.

Primeiramente é preciso reconhecer que, mesmo dentro da estrutura já formada, estão existindo também questionamentos que poderão levar a certas quebras de antigas posições, privilegiando os novos tempos. Alguns sinais apontam para reconsiderações nesse sentido, como é o caso da Sociedade Brasileira de Psicálise do Rio de Janeiro que tem promovido um formação mais acessível aos seus candidatos. Todavia, há necessidade de um exame mais profundo para verificar se os pontos críticos apontados neste livro estão efetivamente sendo superadas.

A coerência das idéias lacanianas com os princípios psicanalíticos é mostrada com tato e clareza por Safouan, que encerra apontando para os princípios mínimos que devem direcionar uma sociedade de psicanalistas: "1. Não erigir como regra universal o que não se pode demonstrar-o que não quer dizer que tudo o que se demonstra torna-se automaticamente uma regra universal; 2. Não afastar as regras descritivas em proveito das regras normativas; 3. Afastar qualquer forma institucional que pretenda dar corpo ao Outro – terceiro; 4. Nada cuja iniciativa não venha dos próprios analistas deve ser empreendido". (p. 70-71) Aqui, o autor poderia ter apresentado uma descrição e análise mais explícita dos princípios. Como apenas os enumera, o leitor não tem possibilidade de, através deste texto, aquilatar a importância e a abrangência dos mesmos.

De início, não nos parece que a observância destes princípios possa por em risco qualquer modelo institucional que os apreenda. Ainda que não se constituam por si só garantias de sucesso, eles asseguram algumas condições básicas para a formação dos analistas, algo que talvez deva estar intrínseco à conduta pessoal de cada analisante ou analista para com o instituto a que pertence.

Adequam-se a isso as palavras de John Maynard Keynes (1936) transcritas por Safouan: "A dificuldade não reside nas idéias novas, mas no esforço para escapar das antigas, que se ramificam, para aqueles que foram educados como nós, em todos os cantos do nosso espírito." (p. 68)

Este é, afinal, um texto fundamental, que não deve ser ignorado por aqueles que pretendem uma formação analítica, pelos que buscam compreender o funcionamento das Instituições Psicanalíticas e ainda, e principalmente, pelos que têm responsabilidades nelas. De resto, é um livro que interessa a todos aqueles voltados para o conhecimento psicanalítico, quer tenham inspiração lacaniana ou não.